

A namorada bandida do Brasil despedaçado

Bibi, interpretada genialmente por Juliana Paes, vê o crime como única saída. O público romperá com ela?

EUGÊNIO BUCCI
20/07/2017 - 08h00 - Atualizado 20/07/2017 08h00



A esta altura, ninguém mais pode alegar que ela é inocente. Não há mais desculpas para adorá-la sem restrições. Antes, a moça de sorriso luminoso e lábios cor de açaí era só perdão, como se habitasse um samba preguiçoso de Vinicius de Moraes. Agora, é cúmplice de traficante; está mais para o funk que para a Bossa Nova. Ateia fogo no escritório de um restaurante para incinerar o computador que poderia incriminar seu criminoso querido. Ela o ama – eis sua justificativa (mais melodramática, impossível). É casada com ele. Toda dele. Quando o marido escapa da penitenciária, vira foragida ao lado dele. Ela é Bibi, estrela maior da novela das 9, *A força do querer*. Ela é a nova namoradinha do Brasil, uma bandida jambo que mexe com as cadeiras, com as cadeias e com o juízo do homem que vai trabalhar.

Interpretada com laivos de genialidade por Juliana Paes, Bibi roubou totalmente a cena da novela – menos por ser ladra, e mais por ser inesperada e fatal, como a aparição de uma santa no céu do meio-dia ou um tiro de fuzil no meio da noite.

No começo da trama, Juliana Paes encantava por suas virtudes, com seus meneios luxuriantes e sua honestidade contente. Estudava Direito, queria progredir com retidão e dominava o espaço cênico no emboalo de seus quadris exatos, vigorosos, cadenciados e suburbanos. Como se brincasse com o contraste entre seu pescoço delicado e suas operosas pernas quase opressoras, ela se largava em risadas que ondulavam seu colo sem máculas, as saboneteiras desamparadas. Outras vezes, fazia escorrer lágrimas em cascatas tropicalistas de seus olhos à Di Cavalcanti. Foi bom aquele começo de novela, quando Bibi era o ideal do amor demais. Depois, metamorfoseada em uma fora da lei instintiva, embaralhou a história. Os vícios de Bibi são mais arrebatadores que suas virtudes.

O Brasil anda órfão de suas referências morais, afogado numa torrente de delinquência crônica, catatônica e polifônica. O ilícito assedia a todos e a cada um, lançando seus tentáculos insidiosos para dentro da garagem da residência do presidente da República, das cúpulas das empresas mais endinheiradas, dos escaninhos mais

recônditos do Congresso Nacional, das igrejas, das escolas, das obras superfaturadas da Copa do Mundo e da Olimpíada, da padaria da esquina e, por fim, da aura das mais carismáticas heroínas da TV.

O Brasil já foi feliz com namoradinhas recatadas. Agora, sua namoradinha tem uma queda vertiginosa pelo crime. Enquanto as reservas éticas da nação vão caindo, uma a uma, a namoradinha nacional vira as costas (sublimes) para a lei e vai beijar seu escolhido numa boca de fumo no morro mais próximo.

A atriz é tudo. É na transformação de moça virtuosa em musa chave de cadeia que Juliana Paes deixa ver o tracejado genial de sua arte. Ela consegue fazer crispar (esse verbo de que Nelson Rodrigues tanto gostava) as linhas do rosto, inaugurando um esgar demoníaco onde antes imperava nada mais que um ar de paz gozosa. Juliana tem esse dom de entreabrir num relance de sobranceiras a visão do mal atroz por trás da candura transcendente. Sua expressão sinaliza algo de ameaçador enquanto sussurra o nome de seu homem: “Rubinho”. (E desde quando Rubinho é nome de meliante?)

A personagem também é tudo. Bibi desliza com sua silhueta de órbitas elípticas a nos convencer não de que o crime compensa, pois ela sabe que não compensa, mas de que o crime é a única saída. Até quando o Brasil vai segui-la com olhos desejantes e complacentes? O Brasil ainda se importa em saber se as condutas são ilibadas ou não? A ver.

Bibi, que de tão arrebatadora não precisava ter serventia alguma, terá essa utilidade essencial: ela nos ajudará a descobrir até onde vai a resiliência nacional em matéria de criminalidade. Ela já destruiu provas, já obstruiu a Justiça, já se aliou a um foragido. Nos próximos capítulos, vai violar outros artigos do Código Penal. Em que ponto o público romperá com ela? Ou vai de Bibi até o fim?

A ver. As plateias sempre gostaram de médicos que viram monstros, como na série americana *Breaking bad*, sempre se deleitaram com a mística de liberdade extrema que só os marginais conseguem acender, como Bonnie e Clyde. Agora, com a Bibi de Juliana Paes, a coisa é mais séria e mais íntima. Bibi é mais que a donzela que se deixa beijar por Drácula e se torna vampira, mais que a adolescente certinha que se apaixona pelo terrorista. Bibi é o desvio e a esperança, a manifestação mais bela do dilema brasileiro entre sobreviver e não ceder.